

Discursos sobre a mulher: estratégias em sala de aula a partir de gêneros multimodais / *Speeches about women: classroom strategies using multimodal genres*

Ceres Carneiro *

Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é Professora Adjunta do Departamento Estudos de Linguagem e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordena o projeto em formação docente, vinculado ao PRODOCÊNCIA-UERJ, e projeto de extensão, vinculado ao DEPEXT/UERJ. Integra o grupo de pesquisa MiDi - Mídia e Discurso (CNPq), e debruça-se sobre os seguintes temas de interesse: Análise do Discurso; Mídia; Feminino.

 <https://orcid.org/0000-0002-7431-3881>

Phelipe de Lima Cerdeira **

Doutor em Letras – Estudos Literários (UFPR/temporada sanduíche UNC-Argentina). Professor Adjunto do Instituto de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Prociência e Prodocência UERJ. Líder do Grupo CNPq LITARC – Literatura Argentina Contemporânea. Temas de pesquisa: Literaturas hispano-americanas; Ficção Histórica; Ensino de Literatura.

 <https://orcid.org/0000-0002-9097-8250>

Guilherme Carneiro Montes ***

Doutor em Farmacologia e Química Medicinal (UFRJ). Professor Adjunto na UERJ e Docente do Programa de Pós-Graduação em Fisiopatologia Clínica e Experimental (FISCLINEX) e do Programa de Pós-Graduação em Biociências da UERJ. Bolsista Prociência. Temas de pesquisa: Neuropsicofarmacologia das substâncias sintéticas e/ou naturais psicoativas, Avaliação de Dor e Inflamação em modelo animal e pesquisa da dor em pacientes atendidos no Hospital Pedro Ernesto (HUPE).

 <https://orcid.org/0000-0003-4946-9056>

Recebido em 22 mar. 2024. **Aprovado** em: 19 ago. 2024.

Como citar este artigo:

*

 cerescarneiro@gmail.com

**

 phelipecerdeira@gmail.com

 guilherme.montes@uerj.br

CARNEIRO, C. ; DE LIMA CERDEIRA, P. ; CARNEIRO MONTES, G. Discursos sobre a mulher: estratégias em sala de aula a partir de gêneros multimodais . *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 13, n. 1, 2024, p. e-2289, out. 2024. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13824740>.

RESUMO

Diante de um contexto de discursos múltiplos, não são raras as vezes em que é possível observar como a(s) figura(s) da(s) mulher(es) é/são discursivizadas, obedecendo, muitas vezes, ao afã de um campo de poder euro-falo-étnico-cêntrico responsável não apenas por determinar o que é falado, mas por sedimentar e criar narrativas. Ao entender o desafio de fissurar tais bolhas discursivas e fomentar o debate entre professores e pesquisadores em formação para refletir criticamente sobre os discursos voltados às representações da mulher, este artigo retoma exemplos de materialidades discursivas, utilizadas entre os anos de 2021 e 2022, para valorizar como um projeto de extensão pode se transformar em uma oportunidade de debate e de reflexão a respeito dos discursos atrelados às representações das mulheres. Vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), dito projeto está vigente e é intitulado “A discursivização da mulher em gêneros multimodais: alternativas de atividades para debater as questões do feminino (cis/transgênero)”. Para tanto, tomou-se como pressuposto epistemológico e referencial teórico perspectivas da Análise de Discurso de linhagem francesa, contando, portanto, com contribuições de Pêcheux (2014a, 2014b), Orlandi (2015), Dela-Silva (2022), Carneiro (2018), entre outros. A partir da realização de diferentes ações extensionistas e, mediante ao acompanhar os efeitos das discussões realizadas a partir dos cursos e oficinas oferecidos pelo projeto, foi possível vincar a relevância de uma abordagem não apenas multidisciplinar, mas também que contemplasse as idiosincrasias de gêneros multimodais. Dentre os resultados, evidencia-se como, via extensão universitária, os envolvidos passaram a levar à sua formação discursiva elementos e ferramentas para problematizar as materialidades discursivas que dizem sobre a(s) mulher(es) (cis/trans) para além de determinado campo de poder, potencializando debates sobre o machismo, a misoginia e a homotransfobia.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso; Extensão universitária; Mulher; Gêneros multimodais.

ABSTRACT

Faced with a context of multiple discourses, it is not uncommon to observe how the figure(s) of the woman(s) is/are discursivized, often obeying the eagerness of a Euro-phallic-ethnic-centric field of power responsible not only for determining what is said, but for sedimenting and creating narratives. Understanding the challenge of breaking through these discursive bubbles and fostering debate among teachers and researchers in training to critically reflect on discourses related to representations of women, this article takes up examples of discursive material used between 2021 and 2022 to highlight how an extension project can become an opportunity for debate and reflection on discourses related to representations of women. Linked to the State University of Rio de Janeiro (UERJ), this project is currently underway and is entitled “The discursivization of women in multimodal genres: alternative activities for debating feminine issues (cis/transgender)”. To this end, the epistemological assumption and theoretical framework were taken from the perspectives of French Discourse Analysis, with contributions from Pêcheux (2014a, 2014b), Orlandi (2015), Dela-Silva (2022), Carneiro (2018), among others.

By carrying out different extension activities and monitoring the effects of the discussions held on the basis of the courses and workshops offered by the project, it was possible to highlight the relevance of an approach that was not only multidisciplinary, but also one that took into account the idiosyncrasies of multimodal genres. Among the results, we can see how, via university extension, those involved began to take elements and tools to their discursive formation to problematize the discursive materialities that say something about (cis/trans) woman(s) beyond a certain field of power, enhancing debates about machismo, misogyny and homotransphobia.

KEYWORDS: Discourse Analysis; University Extension; Woman; Multimodal Genres.

1 Considerações iniciais

Lugar de mulher é onde ela quiser¹.

¹ Esse é o título de um livro de Patrícia Lages, publicado no ano de 2016, mas também um discurso que circulou na mídia digital sem autoria definida.

Enquanto professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), estivemos à frente, durante os anos de 2021 e 2022, do Projeto de Extensão intitulado *A discursivização da mulher em gêneros multimodais: alternativas de atividades para debater as questões do feminino (cis/transgênero)*, credenciado junto ao Departamento de Extensão (DEPEXT) da UERJ. Nosso principal objetivo, ao realizar nossa ação extensionista, foi difundir entre professores (em formação e em atuação) possibilidades de atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, a partir de discursos midiático-digitais circunscritos à(s) mulher(es) e à(s) sua(s) representação(ões), em circulação na *internet*, na atualidade. O recorte estabelecido, portanto, permitiu não apenas o reconhecimento de parte dos participantes a partir do seu repertório discursivo, mas também facilitou o acesso aos dizeres que representam a mulher (cis/trans), materializados em gêneros multimodais, tais como: charges, memes, tirinhas, cartuns, micro-contos, micro-poesia, *fanfictions* etc.

Essa materialidade que nos chega pelo digital decorre de um “processo de significação que se dá pela emergência da discursividade digital na forma material do discurso (texto, imagem, cena urbana, etc.), e em certo meio material (aplicativo, outdoor, rede social, cidade, etc.)” (Dias, 2016, p. 173), logo, entendemos que pensar as práticas em salas de aula, que propiciem e potencializem debates sobre machismo, misoginia e homotransfobia, deva acontecer pela perspectiva da Análise do Discurso (doravante AD).

O caráter multidisciplinar do Projeto nos possibilitou lidar com as muitas identidades do feminino, pois, as análises dos discursos que levamos ao curso e às oficinas propiciaram reflexões sobre o lugar da mulher, em suas diferentes classes, gêneros e raças, e sobre como tais discursos contribuem para a manutenção de uma hierarquia entre homens e mulheres e entre mulheres de diferentes raças e classes, em casa e fora dela. Apresentamos aos participantes possibilidades de discutir, em seus espaços de atuação (futuros ou atuais), a partir de dizeres machistas, misóginos, lgtbfóbicos, racistas, em circulação na mídia digital, as diferentes posições ocupadas pela mulher em nossa formação social, estimulando, assim, os debates sobre o feminino (em suas múltiplas identidades) sob a perspectiva da AD.

Nossa proposta para este artigo é relatar nossas vivências desde o processo de construção do Projeto até a realização do curso e das oficinas oferecidas, no modo remoto, nos anos de 2021 e 2022. Esclarecemos que, em um primeiro momento, os encontros não ocorreram presencialmente devido à pandemia² que nos assolou e, posteriormente, por entendermos que sendo *online*, ampliaríamos nossa

² Fazemos alusão, aqui, à pandemia de Covid-19, declarada em 11 de março de 2020 pelo então diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), o biólogo etíope Tedros Adhanom Ghebreyesus.

entrada para outros locais que não a cidade do Rio de Janeiro³, onde se localiza o *campus* da UERJ no qual somos lotados. Sublinhamos, portanto, a convicção de que o eixo extensionista – um dos pilares de toda universidade pública brasileira – figurasse não apenas de maneira paliativa, mas, sim, a partir de todo o protagonismo que lhe cabe, expandindo as redes comunicativas entre universidade e comunidades. Não nos furtamos, portanto, do debate relevante desenvolvido há mais de uma década em eventos como os do Fórum de Pró-reitores de extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras, no qual defende-se que a extensão universitária “[...] sustenta-se principalmente em metodologias participativas, no formato investigação-ação (ou pesquisa-ação), que priorizam métodos de análise inovadores, a participação dos atores sociais e o diálogo” (Brasil, 2012, p. 51).

Assim sendo, após essas considerações iniciais, discorreremos sobre i) a teoria que sustenta nosso Projeto; ii) o desenvolvimento do Projeto; iii) algumas materialidades e suas análises discursivas que se fizeram presentes em nossos encontros para, então; iv) nas considerações finais, discorreremos sobre as nossas impressões após a realização do curso e das oficinas ofertadas.

2 Formas de produzir sentido(s), caminhos para (se) ler e analisar o feminino

Tal como apregoado previamente, para dar vazão às discussões e reflexões sobre as ideias e constructos do feminino – em geral, circunscritas a um dado campo intelectual e de poder (Bourdieu, 1990) que é, como inferido, majoritariamente androfalocêntrico, são escolhidas e analisadas materialidades discursivas de diferentes naturezas semióticas. A seleção pelas referidas materialidades favorece o trabalho com gêneros multimodais e, ao mesmo tempo, sublinha a nossa perspectiva linguística e epistemológica ao pensar a respeito do conceito de alfabetização. Passa a ser necessária a problematização a respeito de que a nossa capacidade de comunicação está intimamente atrelada à habilidade de recursividade. Sendo assim, ao aludir à ideia de alfabetização há de se expandir como, ao longo das primeiras décadas do século XXI, teorias tais quais as dos multiletramentos passaram a problematizar o que significa ser um sujeito alfabetizado. Alfabetização, portanto, não é sinônimo do domínio do código escrito ou das habilidades de escrita e de leitura, mas uma complexa habilidade de manejar um conjunto de capacidades de informação e comunicação.

Assim, entendemos que, ao se dizer de alguém como ‘alfabetizado’, pressupõe se estar dizendo de alguém capaz de compreender, interpretar e criar textos utilizados não apenas na linguagem verbal,

³ Participaram de nossos cursos e oficinas pessoas de diferentes estados do Brasil e também da Argentina.

mas também na não verbal, produzindo, por isso, textos multimodais, contemplando, portanto, dois ou mais sistemas semióticos. Consoante ao que foi explicitado por González García, vale ressaltar como

[...] durante os últimos dez anos, a pesquisa multimodal tem desafiado as definições unimodais, e tem mostrado que a aprendizagem da alfabetização exige a compreensão da inter-relação complexa entre o material escrito e gráfico, unido aos modos corporais de construção de significado⁴.

Não pretendemos, no entanto, nos limitar à interpretação dos textos que se apresentam para nós em diferentes gêneros multimodais, mas trabalhar “seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação” (Orlandi, 2015, p. 26). Nosso olhar vai, portanto, em direção aos discursos produzidos na/pela mídia digital como materialidades capazes de potencializar nossa reflexão sobre machismo, misoginia e homofobia, ainda tão presentes em nossa formação social. Assim sendo, recorreremos à Análise de Discurso de base materialista, fundada por Michel Pêcheux, em 1969, na França, e que segue se desdobrando em importantes estudos no Brasil.

Temos que o discurso “não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas (...) de um efeito de sentidos entre os pontos A e B” (Pêcheux, [1969] 2014, p. 81), o que nos leva a pensar as sequências discursivas, materializadas em diferentes gêneros textuais, que compõem nosso *corpus* empírico, disponibilizadas na *web*, como efeito de sentidos. Para Pêcheux ([1969] 2014), “o discurso é um conjunto de representações extralinguísticas, localizado no ponto de articulação entre língua, história e sujeito; não é mera transmissão de informação, ele se dá no contato do histórico com o linguístico, é, portanto, tecido socialmente” (Carneiro, 2018, p. 23). O discurso estaria, assim, sempre relacionado a uma prática política, cuja existência, por sua vez, se relaciona, impreterivelmente, a uma ideologia.

Entendemos que pré-construídos, ou seja, já-ditos cristalizados sobre a mulher submissa, inferior, coibida a permanecer em lugares que não necessariamente sejam os por ela almejados⁵ seguem, via memória discursiva, sendo atualizados em discursos midiáticos que circulam na *web*. Assim, efeitos de sentidos produzidos em outro tempo e em outro lugar são retomados, fazendo-se comparecer, sob o invólucro do ineditismo, na mídia digital no Brasil de hoje: eis o funcionamento da memória discursiva. Temos, pois, que a repetição de discursos machistas, misóginos, lgtbfóbicos, racistas sobre

⁴ “[...] durante los últimos diez años, la investigación multimodal ha desafiado a las definiciones unimodales, y ha mostrado que el aprendizaje de la alfabetización exige la comprensión de la compleja interrelación entre el material escrito y gráfico, unido a los modos corporales de construcción de significado.” (González García, 2018, p. 02)

⁵ Fazemos, aqui, uma alusão à epígrafe em que diz ser o lugar da mulher o lugar que ela quiser estar.

as mulheres, difundidos na/pela mídia digital, na atualidade, precisam ser pensados a partir da Análise do Discurso, de forma a se compreender o funcionamento de uma memória sobre a mulher, fundada no patriarcado, que ressoa ainda hoje e segue, portanto, produzindo sentidos.

A partir dos estudos de Dela-Silva (2008), entendemos a mídia como esse lugar privilegiado para a constituição, formulação e circulação de sentidos, pois comporta em si o espaço do jornalístico, do publicitário, do entretenimento e tais espaços se configuram imaginariamente, a partir dos efeitos de sentidos que neles estão ou não autorizados a circular. Temos que nos dizeres em circulação na mídia digital, materializados em diferentes gêneros multimodais, se marcam condutas praticadas em um determinado momento histórico e se favorecem a circulação de saberes, cuja abrangência é ilimitada. Afinal, em nosso mundo pós-moderno, estamos submersos em informações que nos chegam, ininterruptamente, via telefone celular, sem que precisemos fazer qualquer esforço, dando, assim, à mídia digital o poder de adentrar “por brechas estreitas onde outros elementos (madeira, ferro) não conseguem, lhe dando amplo poder de efeito de persuasão” (Carneiro, 2018, p. 58), caracterizando-se, pois, como “língua de vento”, que, segundo Gadet e Pêcheux, [1981] 2004), se movimenta e se espalha rápida e fluidamente.

Ao propormos meios de professores e professoras (em formação ou em atuação) analisarem discursivamente dizeres sobre a(s) mulher(es) que circulam, atualmente, na mídia digital, e levarem suas análises para as salas de aula como ponto de partida para a reflexão e o debate, entendemos ter contribuído para o enfretamento à hierarquia entre homens e mulheres e à homotransfobia ainda tão presentes nos discursos midiáticos atuais. Afinal, é pelas brechas estreitas, do discurso midiático, aparentemente despretensioso e ingênuo, que saberes machistas, misóginos e preconceituosos fluem, penetram e se cristalizam, mantendo muitas mulheres (CIS/TRANS) em lugares que ela não quer e/ou em posição de inferioridade em relação aos homens e às próprias mulheres heterossexuais.

3 O Projeto em seu desenvolvimento

A fim de garantir que conseguíssemos, na perspectiva teórico-metodológica da AD, difundir entre professores (em formação e em atuação) possibilidades de atividades, a partir de discursos sobre o feminino no discurso midiático, em circulação na atualidade, entendemos que o primeiro movimento seria o de constituir um arquivo com materialidades que trouxessem discursos sobre as mulheres. Arquivo, aqui, não deve ser compreendido simplesmente como a constituição “de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (Pêcheux [1982] 2014, p. 59), mas como “um espaço polêmico das

maneiras de ler, uma descrição do trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho de memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma” (Pêcheux [1982] 2014, p. 59).

Em um segundo momento, nos dedicamos a refletir sobre i) o modo como se constituem nesses dizeres, postos em circulação na/pela mídia digital, sentidos para a mulher e, por conseguinte, para o homem e ii) os apagamentos, as reafirmações e os deslizamentos de sentidos que constituem o discurso sobre as identidades do feminino. A partir de então, elaboramos atividades a serem desenvolvidas pelos participantes, em seus espaços de atuação, a partir dos discursos analisados nos encontros, inserindo também discursos pertinentes à temática em questão nas páginas, por nós desenvolvidas, do *Facebook* e do *Instagram* intitulada *@extensãodiscursomulher*.

O delineamento das etapas do Projeto se deu a partir do nosso entendimento i) da urgência em discutir sobre a presença de discursos machistas, misóginos, lgbtfóbicos, racistas, na mídia digital, pois o debate sobre o lugar da mulher em diferentes gêneros, classes e raças, em nossa formação social, precisa ser ininterrupto sob o risco de contribuirmos para a manutenção da hierarquia e do preconceito de/entre gêneros e ii) de que os discursos midiáticos, de gêneros multimodais, podem se constituir como importantes materialidades para promover essa reflexão sobre as diferentes identidades do feminino, sobretudo, se consideramos a mídia digital como um espaço privilegiado para constituição, formulação e circulação de sentidos.

Ratificamos que ensino, pesquisa e extensão constituem, indissociavelmente, os três pilares da universidade, logo, nos cabe buscar e promover aderências entre o que se ensina e o que se quer e(x)tender à comunidade, relacionando saberes do ensino e da pesquisa à extensão universitária, parte essencial do processo acadêmico. Dessa maneira, cumprimos, paulatinamente, diferentes etapas: i) definimos o formato e as datas em que os cursos e/ou oficinas⁶; ii) criamos e atualizamos páginas no *Facebook* e no *Instagram*; iii) operacionalizamos os encontros, criando *folders* sobre o evento, divulgando-os amplamente em diferentes redes sociais, organizando as inscrições e emitindo certificados para os participantes que concluíram o curso ou as oficinas; e iv) avaliamos internamente cada um dos encontros após as suas realizações.

⁶ Esclarecemos, que o primeiro encontro (maio de 2021) teve formato de curso, ministrado em quatro sábados consecutivos, por três diferentes professores, totalizando 16 horas. No entanto, nas duas edições seguintes, demos o formato de Oficina com o intuito de criar independência e fluidez entre os módulos (a mulher em discurso; discursos em língua castelhana sobre a mulher; discursos sobre a mulher trans e discursos sobre a mulher negra), ministrados por quatro professores, em setembro de 2021 e em outubro de 2022.

Com o cumprimento dessas etapas, entendemos ter promovido amplamente o debate⁷ sobre a hierarquia de gêneros, a lgbtphobia e o racismo a partir das análises dos discursos contidos em charges, memes, tirinhas, cartuns, micro-contos, micro-poesia, *fanfictions* selecionados, possibilitando, assim, aos envolvidos refletir sobre os sentidos constituídos, formulados e em circulação na mídia digital sobre o feminino. Nossa expectativa é de que, muitos dos envolvidos nessa ação extensionista, tenham se valido das nossas propostas e levado para seus espaços de atuação (futuros ou atuais), de forma a expandir o debate sobre o lugar da mulher (CIS/TRANS) em nossa formação social.

4 Discursos em análises

Trazemos, aqui, três discursos midiáticos sobre a mulher que circularam no Brasil, entre outras tantas, em que tratamos da i) mulher cisgênero branca; ii) da mulher negra, iii) da mulher trans e iv) mulher política no contexto hispânico, que funcionaram como ponto de partida para as discussões em nossos encontros (cursos e/ou oficinas)

i) A mulher cisgênero branca

Figura 1: Frame da conta @umacasaviva.



Fonte: O que passa na cabeça da mulher. Disponível em: @umacasaviva

⁷ Entre os anos de 2021 e 2022, emitimos mais de 300 certificados atrelados às nossas atividades extensionistas, sendo, respectivamente, 280 e 59 ao longo desses dois primeiros anos de existência.

Essa página do *Instagram* intitulada “umacasaviva” pretende, em um tom humorado, dizer da rotina de uma casa em que moram um jovem casal e seu filho pequeno. As condições em que os discursos dos sujeito-esposa e sujeito-marido são produzidos são a de uma manhã (provavelmente de domingo) em que o filho ainda dorme e cada um diz (em pensamento) sobre o que fazer antes da criança acordar:

SD1: *Ai, meu Deus! Tem tanta coisa pra fazer hoje: **casa pra arrumar, roupa pra lavar, pia só tem louça suja de ontem do almoço.** Daqui a pouco o menino acorda, **tem que dar banho, dar café...** Meu Deus, é tanta coisa que eu não sei por onde começar. Eu vou terminar meu café antes que fique mais tarde ainda. (sujeito-esposa)*
SD2: *Tá um silêncio hoje, viu?! Nosso filho tá dormindo ainda. Será que minha mulher quer **dar uma namoradinha** hoje? Hum... Não sei. (sujeito-marido)*

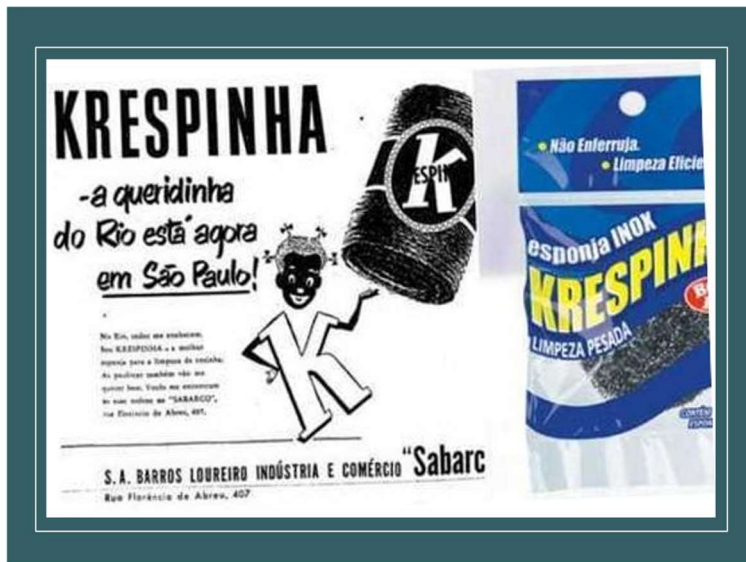
Em nossos grifos, marcamos as atribuições dadas a cada um deles por cada um deles enquanto o filho pequeno não acorda. Nesses discursos, cada um projeta a imagem de si e, ao fazê-lo, fazem ressoar sentidos cristalizados sobre o lugar da esposa-mãe como a de sendo responsável pelos afazeres domésticos (“arrumar”, “lavar”) e pelos cuidados com o filho (“dar banho”, “dar café”), se contrapondo ao lugar do marido-pai como a de viril, tendo como única preocupação a concordância da esposa em “dar uma namoradinha”. “No jogo das formações imaginárias” estão presentes as imagens “que resultam de projeções sustentadas pela história, pelo social e pela ideologia” (Galli; Garcia, 2015, p. 119): observamos, aqui, as projeções das imagens que os interlocutores em A⁸ fazem, respectivamente, de si e dos referentes casa, família e casamento, em que colocam a mulher no lugar da boa dona-de-casa-mãe que dá (banho, café e sexo) e o homem no lugar do varão que recebe (sexo).

Pelo “mecanismo de antecipação, todo sujeito tem a capacidade de colocar-se no lugar em que seu interlocutor “ouve” suas palavras”, antecipando, “assim, a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem” (Orlandi, 2015, p. 37), portanto, ao fazerem circular o vídeo no *Instagram*, os interlocutores em A (sujeitos-esposa e marido) projetam imagens dos seus seguidores como aqueles que projetam imagens similares sobre a casa, a família e o casamento, contribuindo pela manutenção de sentidos (in)desejáveis sobre a mulher e sobre o homem. O imaginário é eficaz [...]: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas [...] por relações de poder (Galli; Garcia, 2015, p. 119), logo, não é descolado das práticas de nossa formação social brasileira.

⁸ Como a proposta do vídeo é fazer humor sobre o que pensam homem e mulher casados, tendo um filho pequeno, tratamos os sujeitos-esposa e marido como interlocutores em A, visto que, na proposta, um não ouviria o que o outro diz. Consideramos, pois, que a interlocução se dá entre os sujeitos-esposa e marido (A) e os sujeitos-seguidores do *Instagram* “umacasaviva” (B).

ii) A mulher negra

Figura 2: Anúncio “Krespinha”



Fonte: Economia UOL. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/17/bombril-acusacao-racismo-produto.html> Acesso em 29/11/2022

Ao lado esquerdo da figura 2, temos a imagem de uma campanha publicitária da esponja “Krespinha”, lançada pela S. A. Barros Loureiro Indústria, que circulou no início da década de 1952, em São Paulo. Observamos que o nome dado à esponja está relacionado ao cabelo crespo de mulheres negras, marcado pelo desenho de uma mulher negra, com os cabelos presos com laçarotes e eriçados, segurando a esponja. Significantes outros sobre o cabelo da mulher negra se juntam ao “crespo”: ruim, duro, pixaim... O que foi dito sobre o cabelo da mulher negra ressoa, por meio do interdiscurso, alguns sentidos cristalizados, fazendo-os retornar “sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (Orlandi, 2015, p. 29), neste caso, sobre o cabelo negro como sendo indesejado, de um não-ideal de beleza.

Em 2020, a esponja que se mantinha há décadas no portfólio da Bombril⁹, volta em uma nova campanha, conforme estampado ao lado direito da figura 2. Ainda que em diferentes condições de produção, em sentido imediato (campanhas publicitárias de 1952 e 2000), o nome da “esponja inox”,

⁹ Fonte: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/17/bombril-acusacao->, sobre o racismo-produto.htm. Acesso em 29/11/2022.

segue sendo “Krespinha”, fazendo ressoar sentidos sobre a mulher negra como a mulher ideal para realizar “limpeza eficiente” e “pesada”. Se nos atentarmos às condições de produção em um sentido mais amplo, há uma diferença entre o contexto sócio-histórico de meados do século XX e da década de 20, do século XXI, entretanto, toda uma discussão presente a respeito do corpo da mulher negra não impediu a Bombril de relançar a campanha do produto Krespinha, porque, “além das circunstâncias imediatas e do contexto sócio-histórico em que as campanhas circularam, fazem parte das condições de produção a memória do dizer” (Dela-Silva et al, 2022, p. 45), que é da ordem do social, é um saber discursivo que faz retornar efeitos de sentidos produzidos em outro lugar em outro tempo. Apesar das muitas contestações feitas por internautas, que levaram a Bombril a retirar o produto Krespinha do seu portfólio, em 2020¹⁰, uma esponja de aço de nome Krespinha se manteve no mercado por 70 anos: essa repetição, além da retomada mercadológica, regulariza sentidos e, juntos, constituem uma memória sobre o cabelo da mulher negra, mais: sobre o lugar da mulher negra como sendo o da limpeza pesada da casa.

iii) A mulher trans

Figura 3: Matéria Meia Hora



Fonte: Meia Hora. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2022/01/4979341-ex-bbb-ariadna-relembra-capa-de-jornal-transfobica-passei-o-dia-chorando.html>. Acesso em 03/03/2023.

¹⁰ Em comunicado no *Twitter* (atualmente, intitulado como X), a @Bombriloficial pede desculpas pelas possíveis ofensas e diz que irá “rever toda a comunicação da Campanha”. <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/17/bombril-acusacao-racismo-produto.htm>. Acesso em 18-06-2023.

O jornal *Meia Hora*, responsável por dar destaque às notícias mais populares de São Paulo, trouxe em sua primeira página (figura 3), no dia 18 de janeiro de 2011, a manchete¹¹ “Ariadna’s Coiffeur: corto cabelo e pinto” (SD3), fazendo alusão à primeira mulher trans/travesti a participar do *Big Brother Brasil* (BBB), que, após ter passado alguns dias confinada na casa do BBB, se declarou publicamente como sendo uma mulher trans. Em seu dizer, o sujeito-jornalista do *Meia Hora* toma o significante “corto” para dizer não só da profissão de cabelereira de Ariadna (“corto cabelo”), mas para dizer do corte de seu pênis, de seu órgão genital: “corto pinto”. O sujeito-jornalista “toma uma palavra por outra” (Orlandi, 2015, p. 42), transferindo, não só o sentido de pênis para “pinto”, como reduzindo a corte um delicado procedimento cirúrgico voltado a construção de uma nova genitália. Ao trazer essa(s) metáfora(s) na manchete, produz sentidos outros sobre o corpo da mulher trans: o corpo da falta, o corpo mutilado, marcando os transexuais como sujeitos incompletos, deformados, pois “o discurso sobre o corpo do transexual ocorre em uma formação ideológica que vê a sexualidade de duas formas estanques, como na lógica disjuntiva de que nos fala Pêcheux: ou somos homens ou somos mulheres” (Cassana, 2017, p. 71).

E por essa lógica disjuntiva (Pêcheux, [1983] 2012), que impossibilita se considerar para além de dois gêneros, os sujeitos-espectadores do BBB se declararam espantados com a revelação, se perguntando: “*Como pode? Se não falasse, eu juraria que era uma mulher, como ela faz para esconder no biquíni?*”, dizeres esses que se colocam entre o lugar-comum e o pensamento de ordem.

Os transexuais são sujeitos “em constante transformação na busca por um real do corpo” (Cassana, 2017, p. 69), não foi à toa que Ariadna postou em seu Twitter, após ser manchete do *Meia Hora*, em reportagem publicada no dia 18 de janeiro de 2011: “Quando alguém falar: Ariadna foi eliminada porque **escondeu** que era trans... olha o que faziam comigo na época! Apenas uma das milhares de capas de jornais que eu era **humilhada**...” (SD4) (grifos nossos). Os transexuais por serem “comumente marginalizados pela sociedade” precisam lidar “com a falta na busca pela construção de sua subjetividade” (Cassana, 2017, p. 69). Ao dizer que precisa se esconder para não ser humilhada diz de um corpo que não é um corpo socialmente aceito, mas de um corpo que está sempre à margem.

O jornal *Meia Hora* postou em seu *Twitter* no dia 21 de janeiro de 2022:

SD5: Pedimos perdão não apenas a Ariadna como a todas e todos agredidos por essa capa de 11 anos atrás. **Não tem graça**, assim como outras **piadas infelizes** que, **no**

¹¹ Tratamos a manchete como título, considerado pelos jornalistas como “rosto”, pois tem “o intuito de chamar a atenção dos leitores e motivá-los à leitura do que se segue por (pretender) provocar interesse instantâneo” (Carneiro, 2018, p. 190).

passado, eram corriqueiras, embora causassem sofrimento. Além de nos envergonhar, **não reflete a nossa atual linha editorial**.

A resposta do jornal, “11 anos” depois de ridicularizar (“graça”, “piada”) o corpo de Ariadna, é entendido por nós como um “comentário” nos termos de Foucault ([1970] 2000): um texto que se refere a outro é um texto secundário e, por conseguinte, está em um desnível em relação ao primeiro que, por sua vez, paira acima, se colocando, assim, como um texto de maior estatuto. O comentário tem como função “dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro” (Foucault, ([1970] 2000, p. 26). Temos, portanto, que o “sofrimento” causado a Ariadna não foi uma reação inesperada ou indesejada, afinal, quem não sofre por ter o seu corpo alvo de “piadas infelizes”?

Entretanto, há sempre uma “ligação entre as circunstâncias de um discurso e seu processo de produção” (Pêcheux, ([1969] 2014, p. 74), esse “contexto sócio-histórico que viabiliza a formulação e a compreensão do discurso”, por ele denominada de condições de produção (Carneiro, 2018, p. 25). Ocorre que na imagem projetada pelo sujeito-jornalista de Meia Hora de seus sujeitos-leitores sobre os transexuais não é mais a mesma: se “no passado” ridicularizar o corpo trans era “corriqueiro” e provocava risos, na atualidade, não é mais assim, pois diferentes condições produzem diferentes formulações e diferentes sentidos. Não é por acaso que no dia da eliminação de Linn da Quebrada do BBB, em 11 de abril de 2022, segunda mulher trans/travesti a participar do programa, o apresentador Tadeu Schmidt disse:

SD6: Por que o Brasil não torceria por alguém como você? Eu acredito que você conseguiu. Que **as pessoas torcem por você** ou contra você pelo que você fez dentro da casa, e só. Eu acredito que você conseguiu. Por sua causa, **o Brasil inteiro sabe**, não tem mais desculpa para errar o pronome. **É ela**. Por sua causa, não tem mais desculpa para errar o artigo (grifos nossos).

A resistência, entretanto, é um dos elementos esperados em qualquer estrutura social. “Os movimentos de transformação e de resistência” decorrem do entendimento de que “a heterogeneidade” é “inerente” ao “espaço”, pois “o sujeito do discurso [...] não é apenas assujeitado a reproduzir as relações de produção dominante na luta de classes, mas pode transformá-las e também resistir ao discurso dominante” (De Nardi; Nascimento, 2016, p. 81), fazendo com que outras formulações, que não mais aquelas, sobre o corpo trans surjam, fazendo com que “as pessoas” torçam “por ela”, a mulher trans.

iv) A mulher política no contexto hispânico

Em 2021, após uma eleição acirrada, o atual presidente da Colômbia, Gustavo Petro, vence o segundo turno para assumir o poder executivo no país vizinho. A informação poderia ter caráter anedótico se, no entredizer, não salientasse mais uma operação de apagamento comum construída por diferentes veículos de comunicação. A afirmação se deve ao fato de que, ao lado de Petro, vence também a sua vice-presidente, a mulher negra Francia Márquez Mina. Ativista social e líder comunitária, por conta de sucessivas ameaças contra a sua própria vida, a atual vice-presidente colombiana se dedicou aos estudos e se formou como advogada. Sua voz potente e sua relevância para proteger a região de onde provém (constantemente atacada pela mineração na região do Cauca), fez com que a figura afro-hispânica ganhasse o reconhecimento de entidades internacionais, ganhando o Prêmio Goldman 2018 (Nobel do meio ambiente também recebido pela brasileira Marina Silva).

O tamanho da sua relevância pode ser entendido pelo que ela representa na América Latina. Hoje, como primeira vice-presidente mulher e negra do seu país, Francia Márquez nos ajuda a discutir a respeito dos diferentes discursos que nos atravessam como sujeitos políticos e sociais. A cada fala ou aparição pública, pululam nas redes sociais postagens que plasmam o horizonte machista, misógino e racista, reforçando uma máxima para nós, analistas de discursos: os dizeres não são aparições da língua espontâneas, mas representações de dizeres outros, produtos do “dizível” ou do “já-dito” (Orlandi, 2015). Para este artigo, tomemos como materialidades duas reportagens publicadas, respectivamente, nos meses de abril e junho do ano de 2023, na página oficial da Revista Semana, circunscrita à bolha discursiva e ideológica de direita no país do café. Em ambas as reportagens, será possível observar que a persona da vice-presidente como ponto disparador para a construção dos seus discursos (Figuras 4 e 5):

Figura 4: Matéria Semana I



Fonte: Revista Semana, 2023.

Figura 5: Matéria Semana II



Fonte: Fonte: Revista Semana, 2023.

Os títulos de reportagens da revista *Semana* – *El control a Francia Márquez y a un “costoso capricho vicepresidente”* e *¿De malas? El control a Francia Márquez y a un “derroche vicepresidente”* – insistem em representar a figura de Francia Márquez a partir de montagens que insinuem luxúria, o poder desmedido e o deboche, ao lado de significantes como “capricho” e “derroche” (“teimosia” e “desperdício” em português, respectivamente). A tentativa parece ser a de atrelar à sua imagem o despreparo e a inconsistência entre sua práxis e sua perspectiva ideológica de esquerda. A repetição do sintagma “costoso capricho vicepresidente”, em reportagens separadas por um arco temporal de dois meses, sugere a estratégia de reiteração narrativa, uma repetição que busca cristalizar ao lado da imagem da figura política não apenas a acusação de desperdício e de falta de zelo com o dinheiro público, mas também a da mulher subsidiada constantemente por alguém e sem qualquer controle com as próprias finanças.

Há, dessa forma, uma transferência do imaginário do casal hetero-normativo, composto pelas figuras sujeito-mariado e sujeito-esposa (tal como assinalado em nossa primeira materialidade e no contexto brasileiro), responsáveis por ocupar as funções de patrocinador e de patrocinada, respectivamente. Não à toa, como subtítulo da cabeça da matéria, é possível observar a pergunta acusativa *¿De malas?*, apresentando a insinuação de que a vice-presidente incorre na ação de viajar reiteradamente. Ora, como sabemos, os constantes deslocamentos de figuras do executivo se justificam pela agenda de suas funções. O que justificaria o apetite jornalístico aqui? Segundo a continuidade da

reportagem, Francia Márquez era denunciada por uma senadora de centro-direita, María Fernanda Cabal, pelo uso excessivo de transportes do exército em menos de 300 dias de mandato. A grande questão é que o incômodo do semanário é seletivo, já que nada se fala sobre a participação de muitos homens no mesmo voo para as atividades e compromissos políticos. Mais uma vez: o alvo discursivo aqui é a condição do sujeito-mulher, reforçando o que Orlandi apregoa ao lembrar que

O sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 2015, p. 40)

Os dizeres (verbais e não-verbais), assim, sacramentam o rechaço contra a quebra de um modelo de mulher que precisaria estar subalternizado ao patriarcado, à ordem vigente. Não à toa, em diferentes postagens, há a insistência de atrelar à imagem de Márquez a ideia de histeria (FOUCAULT, 2009) como enfermidade e desocupação do sujeito-mulher e, ao mesmo tempo, a tentativa de emulação de usuários das redes para crivar uma “formação imaginária” (ORLANDI, 2015), que repercute e nutre os discursos autoritários e reacionários de alguns veículos de comunicação.

Certamente, as ofensas proferidas a Francia Márquez nos fazem pensar em casos análogos nos países vizinhos, tais como as violências apresentadas em discursos contra as ex-presidentas Cristina de Kichner e Dilma Rouseff. Os sujeitos-autores destes discursos viram ‘arautos escolhidos’ de interdiscursos, sinalizam o seu alinhamento com aparatos ideológicos de poder, como explicado por Althusser (1989).

Considerações Finais

Diante de um contexto de discursos múltiplos, não são raras as vezes em que é possível observar como a(s) figura(s) da(s) mulher(es) é/são discursivizadas, obedecendo, muitas vezes, ao afã de um campo de poder euro-falo-étnico-cêntrico responsável não apenas por determinar o que é falado, mas por sedimentar e criar narrativas. Ao entender o desafio de fissurar tais bolhas discursivas e fomentar o debate entre professores e pesquisadores em formação para refletir criticamente sobre os discursos voltados às representações da mulher, este artigo retomou exemplos de materialidades discursivas, utilizadas entre os anos de 2021 e 2022, para valorizar como um projeto de extensão pode se transformar

em uma oportunidade de debate e de reflexão a respeito dos discursos atrelados às representações das mulheres.

Partimos, desde o início, do pressuposto de que apresentar propostas de trabalho utilizando tais materialidades discursivas, sob a perspectiva da Análise do Discurso, faz-se enquanto caminho eficaz para contribuir para que professores e/ou futuros professores pudessem levar a seus campos de atuação debates sobre o machismo, a misoginia, a lgbtfobia e o racismo. O eixo da extensão, sobretudo após a experiência empírica de que podemos ampliar os raios de atuação via plataformas digitais, demonstrou como estratégia de aproximação e de democratização do conhecimento, uma vez que a comunidade externa passou a extrapolar a espacialidade de um município ou de um estado. A experiência de leitura crítica advinda de partícipes de diferentes campos intelectuais assinalou, sem dúvida alguma, não apenas a ampliação dos dizeres e dos imaginários para a realização de uma determinada leitura, mas também a expansão das próprias materialidades discursivas com as quais lidamos em sala de aula.

Para combater a desigualdade entre homens e mulheres e entre mulheres de diferentes raças e classes, precisamos ser capazes de analisar discursos sobre a mulher, porque é pelas brechas estreitas, do discurso midiático, aparentemente despretensioso e ingênuo, que saberes preconceituosos fluem, penetram e se cristalizam, mantendo as mulheres (CIS/TRANS) em posição de inferioridade em relação aos homens e às próprias mulheres, dando à mídia digital amplo poder de efeito de persuasão. Para além do curso e dos eventos, criamos uma página no *Facebook* e outra no *Instagram* para divulgar materiais, em diferentes gêneros textuais, que digam sobre as identidades do feminino em suas diversidades e para divulgar as nossas e outras atividades acadêmicas relacionadas a questões relativas ao Projeto.

CRediT

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

CARNEIRO, C. ; DE LIMA CERDEIRA, P. ; CARNEIRO MONTES, G. Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Ideologías y aparatos ideológicos del Estado*. Freud y Lacan. Buenos Aires: Nueva visión, 1989.

BOURDIEU, Pierre. El campo literario. Prerrequisitos críticos y principios de método. *Criterios*, La Habana, n.25-28, enero 1989-diciembre 1990, p. 20-42. Trad. *Desiderio Navarro*. Disponível em: <<http://educacion.deacmusac.es/practicaslegitimadoras/files/2010/05/bourdieuCampo.pdf>> Acesso em: 27 nov. 2023.

BRASIL. Política Nacional de Extensão Universitária, elaborada pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras. Disponível em: <<https://uenp.edu.br/doc-proec/proec-documentos-gerais/11837-politica-nacional-de-extensao-universitaria/file>>. Acesso em 27 nov. 2023.

CARNEIRO, Ceres; DELA-SILVA, Silmara. Dizendo (d)o feminino na mídia. In: GARCIA, D.A.; LUNKES, F.L. (Orgs.). *Mulheres e...* Uberlândia/MG: Navegantes Publicações, 2022.

CARNEIRO, Ceres. “A CULPA (NÃO) É DA OUTRA”? O discurso sobre triângulos amorosos no “consultório sentimental” da revista *Claudia*. Tese de doutorado, Niterói/RJ: UFF, 2018

CASSANA, Mônica Ferreira. Ambivalência e incompletude no discurso do corpo. In: SOARES, S. F. S.; GARCIA, D. A.: *Inquietações de gênero e sexualidades: leituras na contemporaneidade*. Porto Alegre/RS; UNIOESTE Evangraf: 2017.

DE NARDI, Fabiele Stockmans; NASCIMENTO, Felipe Augusto Santana do. *A Propósito das Noções de Resistência e Tomada de Posição na Análise de Discurso: movimentos de resistência nos processos de identificação com o ser paraguaio*. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 19/2, p. 80-103, dez. 2016.

DELA-SILVA, Silmara. O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia. 2008. 225 p. Tese (Doutorado) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2008.

DELA-SILVA, Silmara; LUNKES, Fernanda Luzia, GARCIA, Dantielli Assumpção; BAALBAKI, Angela. *Análise de discurso, uma introdução*. Niterói/RJ: EDUFF, 2022.

DIAS, Cristiane. Sujeito digital: sentidos de um novo paradigma. In: GUIMARÃES, Eduardo. *Cidade, linguagem e tecnologia: 20 anos de história*. Campinas: LABEURB, 2013. pp. 51-64. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/labeurb20anos/labeurb20anosPDF.pdf>> Acessado em 17/05/2023.

FOUCAULT, Michel. *A história da loucura: na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo/SP: Edições Loyola, [1970] 2000.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. [1981] *A língua inatingível*. Campinas: Pontes, 2004. LAS – Site do Laboratório Arquivos do Sujeito. 2009.

GALLI, Fernanda Correa Silveira; GARCIA, Dantielli Assumpção (2016). Prática leitora e suas discursividades: formações imaginárias e memória discursiva. Raído - *Revista Do Programa De Pós-*

Graduação em Letras da UFGD, 9(19), 115–127. Recuperado de <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/4661>

GONZÁLEZ GARCÍA, Javier. El enfoque multimodal del proceso de alfabetización. *Educación em Revista*, Belo Horizonte, v. 34, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v34/1982-6621-edur-34-e177266.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso*. Princípios e procedimentos. 3 ed., Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). [1969] In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2104a.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. [1975] A propósito da Análise Automática do Discurso. In: GADET & HAK (org). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 2014b.

SEMANA. El control a Francia Márquez y a un “costoso capricho vicepresidencial”. Disponível em: <<https://www.semana.com/semana-tv/el-control/articulo/el-control-a-francia-marquez-y-a-un-costoso-capricho-vicepresidencial/202329/>> Acesso em: 27 nov. 2023.

SEMANA. ¿De malas? El control a Francia Márquez y a un “costoso capricho vicepresidencial”. Disponível em: <<https://www.semana.com/semana-tv/el-control/articulo/de-malas-el-control-a-francia-marquez-y-a-un-derroche-vicepresidencial/202349/>> Acesso em: 27 nov. 2023.